



Recebido em: 20/01/2022

Aceito em: 14/02/2022

**Cristo-Oxalá em verde-e-rosa:
o carnaval como espaço de disputas narrativas**

**Christ-Oxalá in green and pink:
Carnival as a space for narrative disputes**

Gabriel Henrique Caldas Pinheiro¹

UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/3009123101163152>

Doutora Helena Theodoro²

UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/2514918329442109>

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar o episódio em que a alegoria "Santo e Orixá", apresentada no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro pela Estação Primeira de Mangueira em 2017, foi impedida de retornar ao desfile das campeãs do mesmo ano após uma solicitação da Arquidiocese da cidade envolvendo o presidente da agremiação e a LIESA, entidade responsável pela gestão da festa. Nos interessa examinar, no campo dos debates suscitados pela História das Religiões, o acontecimento em si e seus desdobramentos: da concepção artística do carnavalesco Leandro Vieira às ressonâncias midiáticas do episódio.

Palavras-chave: Mangueira; Intolerância religiosa; Carnaval; Escolas de samba; Religiões afro-brasileiras

¹ Bacharel e Licenciado em História pela UFRJ.

² Pós-Doutora em História Comparada pela UFRJ.

Abstract: This article aims to analyze the episode in which the allegory "Santo e Orixá", presented in the parade of samba schools in Rio de Janeiro by Estação Primeira de Mangueira in 2017, was prevented from returning to the parade of champions of the same year after a request from the Archdiocese of the city involving the president of the association and LIESA, the entity responsible for managing the party. We are interested in examining, in the space of the History of Religions, the event itself and its consequences: from the artistic conception of the carnival artist Leandro Vieira to the mediatic resonances of the episode.

Keywords: Mangueira; Religious intolerance; Carnival; Samba schools; Afro-Brazilian religions

Introdução

O desfile das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro em 2017 ficaria marcado, além do campeonato portelense na quarta-feira de cinzas - posteriormente compartilhado com a Mocidade Independente de Padre Miguel - e da consternação gerada pelas tragédias envolvendo as apresentações da Paraíso do Tuiuti e da Unidos da Tijuca, pela ausência do tripé intitulado "Santo e Orixá" no cortejo mangueirense do Sábado das Campeãs. É fato que o carnaval carioca tem sido o palco, há muitas décadas, de muitos episódios polêmicos no que se refere à utilização de referências religiosas na elaboração das identidades estéticas apresentadas pelas agremiações, mas este sob o qual nos debruçamos neste ensaio carece definitivamente de maiores atenções - e mostraremos porquê.

Se no passado a apropriação de elementos da iconografia religiosa - em especial a de matriz judaico-cristã - nas alegorias e fantasias foi responsável até mesmo pela prisão de alguns carnavalescos que assinavam tais obras, as duas últimas décadas amenizaram esse panorama. Isso porque as instituições brasileiras de representação da Igreja Católica estabeleceram canais de diálogo e negociação com as agremiações carnavalescas, passando a analisar cuidadosamente as propostas das escolas de samba para então aprovar, reprovar ou mesmo apontar novos caminhos, sugerindo alterações pontuais ou estruturais nas ideias apresentadas.

Ocorre que por decisão do carnavalesco Leandro Vieira, a Estação Primeira de Mangueira, no período que antecedeu o carnaval de 2017, não ensejou qualquer tipo de diálogo com a Arquidiocese do Rio de Janeiro quanto à utilização do tripé em questão. Diferentemente do contexto carnavalesco de 1989, quando o carro alegórico de Joãozinho Trinta na Beija-Flor de Nilópolis que traria a imagem de um Jesus Cristo mendigo foi censurado previamente pela instituição, o artista mangueirense optou pela não submissão de sua criação artística ao crivo da Arquidiocese e a alegoria, de pequenas dimensões, foi facilmente escondida no barracão da agremiação na Cidade do Samba diante das eventuais visitas oficiais.

Em um primeiro momento, o imbróglio mangueirense difere de todos os anteriores pela postura supracitada de seu carnavalesco. Em um segundo momento, o que o destaca é a repercussão midiática e institucional pós-desfile: por que a Arquidiocese do Rio de Janeiro se incomodaria tanto com esse tipo de representação - sincrética, mas indubitavelmente respeitosa - de Jesus Cristo numa época onde tantas outras escolas de samba, no Rio e no Brasil, se apropriavam das imagens sacras sem sofrer quaisquer tipos de represália? O foco e a centralidade de nossa análise atendem às múltiplas tentativas de resposta a essa proposição.

O elemento cenográfico e a lavagem do Bonfim

No Livro Abre-Alas, documento elaborado pelas escolas de samba e entregue ao corpo de julgadores e à equipe de transmissão dos desfiles da Rede Globo de Televisão, os carnavalescos não só justificam e referenciam os enredos defendidos como apresentam desenhos do projeto artístico tanto no âmbito das alegorias quanto no das fantasias. Retiramos do Livro Abre-Alas entregue pela Mangueira para o carnaval de 2017 (enredo intitulado "Só com a ajuda do santo" – Documentação) a defesa do Elemento Cenográfico 02 (SANTO E ORIXÁ):

Em meio à ala que lança luz na Lavagem do Bonfim, o elemento cenográfico apresenta poética visão para apresentar o sincretismo religioso que confere singularidade histórica à religiosidade popular. Herança do Brasil escravagista – época em que o negro sob a condição de escravo estava submisso aos desmandos de seus senhores – a prática pode ser percebida até os dias atuais, na associação popular infiltrada em nossa cultura de forma indissolúvel, onde cada orixá teria correspondência a um santo católico. Assim – com pequenas variações regionais – Oxóssi passou a ser São Sebastião, Ogum aproximou-se a São Jorge, os Ibejis associaram-se a Cosme e Damião, Iansã a Santa Bárbara e etc. Para abordar o tema, na imagem que dá contorno principal ao elemento cenográfico, observa-se uma das mais famosas associações do sincretismo religioso que encontra no santo católico um orixá correspondente: Ora vê-se o Senhor do Bonfim – venerado sob a imagem do Nosso Senhor Jesus Cristo em ascensão – ora, Oxalá, o orixá associado à criação do mundo e da espécie humana para umbandistas e candomblecistas. Trata-se de duas visões para uma só imagem. (VIEIRA, 2017).

De imediato, chama a atenção o modo como o carnavalesco evoca a herança histórica escravagista do Brasil para abordar a temática do sincretismo religioso: a condição de escravidão à qual estavam submetidas as populações afro-brasileiras seria, portanto, o marco fundador de uma identidade religiosa própria, inaugurada pela impossibilidade de manutenção dos cultos direcionados exclusivamente aos orixás. O outro aspecto que cabe destaque é a escolha, após citações de diversos exemplos conhecidos do sincretismo religioso entre santos católicos e orixás do candomblé, pela combinação Senhor do Bonfim / Jesus Cristo – Oxalá para a representação alegórica.

O etnólogo franco-brasileiro Pierre Verger, babalaô iniciado na Bahia e profundo estudioso das culturas afro-baianas e diaspóricas, aponta-nos em *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo* que "a relação entre o Senhor do Bonfim e Oxalá, divindade da criação, é [...] dificilmente explicável, a não ser pelo imenso

respeito e amor que ambos inspiram" (VERGER, 1981: 12). Complementa com a seguinte passagem, capítulos depois:

No Novo Mundo, na Bahia particularmente, Oxalá é considerado o maior dos Orixás, o mais venerável e o mais venerado. Seus adeptos usam colares de contas brancas e vestem-se, geralmente, de branco. Sexta-feira é o dia da semana consagrado a ele. Esse hábito de se vestir de branco na sexta-feira estende-se a todas as pessoas filiadas ao Candomblé, mesmo aquelas consagradas a outros Orixás, tal é o prestígio de Oxalá. É sincretizado na Bahia com o Senhor do Bonfim, sem outra razão aparente senão a de ter ele, nesta cidade, um enorme prestígio e inspirar fervorosa devoção aos habitantes de todas as categorias sociais. (VERGER, 1981: 103-104).



Figura 1: As duas faces do tripé "Santo e Orixá".

Leandro Vieira optou pela utilização de um elemento cenográfico de pequenas dimensões, que se apresentou com o auxílio de movimento giratório - ora posicionando a imagem de Jesus Cristo (representação do Senhor do Bonfim) frontalmente, ora a imagem de Oxalá. Na disposição do cortejo carnavalesco, o tripé foi conduzido ao centro da ala coreografada intitulada "Quem tem fé vai a pé" - A Lavagem do Bonfim (ALA 12) - posteriormente agraciada com a categoria de "Melhor Ala" pelo Estandarte de Ouro, tradicional prêmio oferecido pelo Jornal O Globo às agremiações após os desfiles. Segue a defesa da ala retirada do Livro Abre-Alas:

O Senhor do Bonfim, segundo a devoção católica, é uma figuração de Jesus Cristo em que este é venerado na visão de sua ascensão. Não é o padroeiro do estado da Bahia, mas a sua devoção é majoritária e famosa junto ao povo baiano. Sua Basílica é um dos mais importantes monumentos arquitetônicos de Salvador, além de palco para uma das principais festas religiosas do lugar. A celebração - que integra o calendário litúrgico e o ciclo de Festas de Largo da cidade de Salvador - tem como ponto alto a famosa "lavagem". Nesse contexto, a celebração do Bonfim revela um dos mais difundidos aspectos da cultura religiosa brasileira: o sincretismo. Se por um lado, o Senhor do Bonfim representa o viés cristão, seu correlato na matriz africana

é Oxalá. Cantando hinos de adoração às duas principais divindades de cada crença - Nosso Senhor Jesus Cristo e Oxalá – o rito configura um dos maiores exemplos brasileiros do fenômeno de fusão de religiões sobre o aspecto sincrético. Para expressar essa página da cultura religiosa brasileira, a ala recria a célebre figura das baianas envolvidas com a famosa "lavagem" dos "dez" degraus da escada da igreja. Junto ao grupo coreografado, um elemento cenográfico "revela" as duas faces da adoração de uma só imagem. (VIEIRA, 2017).

A lavagem do Bonfim, celebração inter-religiosa retratada pelo grupo coreografado da Mangueira em 2017, também foi decodificada e interpretada pelo pesquisador Pierre Verger:

Uma versão sincretizada das "Águas de Oxalá" é a lavagem do chão da Basílica do Senhor do Bonfim que acontece todos os anos na Bahia, na quinta-feira precedente ao domingo do Bonfim. Alguns piedosos católicos tinham o hábito de lavar zelosamente o chão da igreja, num ato de devoção que não é particular a esse templo. No Bonfim, porém, tomou um caráter diferente, pois os descendentes de africanos, movidos por um sentimento de devoção, tanto ao Cristo como ao deus africano, fizeram uma aproximação entre as duas lavagens: a dos axés de Oxalá e aquela do solo da igreja que leva o nome católico do mesmo Orixá. Os devotos aparecem em grande número a fim de participarem da lavagem, na quinta-feira do Bonfim. Essa festa é atualmente uma das mais populares da Bahia. Nesse dia, as baianas, vestidas de branco, cor de Oxalá, vão em cortejo à igreja do Bonfim. Trazem na cabeça potes contendo água para lavar o chão da igreja e flores para enfeitar o altar. São acompanhadas por uma multidão, onde sempre figuram as autoridades civis do Estado da Bahia e da cidade de Salvador. (VERGER, 1981: 106).

O posicionamento da Arquidiocese e a decisão tomada pela direção da Mangueira

A solicitação feita pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, de acordo com as reportagens do Jornal Extra, do Jornal O Dia e da Revista Veja veiculadas no dia 4 de março de 2017, foi encaminhada diretamente à Liga Independente das Escolas de Samba da Rio de Janeiro (LIESA), entidade responsável pela gestão do desfile das escolas de samba do Grupo Especial do carnaval carioca. Após o pedido, o presidente da LIESA à época, Jorge Castanheira, teria então se reunido com Chiquinho da Mangueira, presidente da agremiação carnavalesca, para a decisão institucional final: o não retorno do tripé "Santo e Orixá" no desfile das campeãs do referido ano - ao qual a Mangueira havia se classificado por ter findado a apuração da quarta-feira de cinzas com o quarto lugar na competição.

Sobre a decisão da Mangueira perante a pressão da Arquidiocese, o historiador e professor Luiz Antonio Simas, pesquisador voltado aos estudos do carnaval e das culturas de rua do Rio de Janeiro, escreveu em sua coluna no sítio Tribuna da Imprensa Sindical:

Ao acatar o chilique da Arquidiocese sobre o Cristo/Oxalá, a direção da Mangueira demonstra apenas que não acredita na mensagem de pluralidade religiosa que o próprio enredo defende como bandeira e prefere a acomodação política com a turma de Dom Orani. Acompanho os desfiles da avenida desde moleque, em meados dos anos de 1980 (são pouco mais de 30 aninhos de Sapucaí) e posso dizer com tranquilidade que poucas vezes vi um trabalho tão harmônico, delicado, contundente, pedagógico, como o do Leandro Vieira em 2017. Uma aula dramática e estética de cultura popular do mais alto gabarito; daquelas que merecem ser difundidas em escolas, terreiros e, por que não?, igrejas. O desfile não merecia esse desfecho que, paradoxalmente, mostra apenas que enredos assim são cada vez mais necessários. A Mangueira é maior do que esse abaixar de cabeça para a Arquidiocese. Já o tamanho dessa Arquidiocese é este mesmo. (SIMAS, 2017).

A decisão tomada pela presidência da Estação Primeira de Mangueira em relação ao imbróglio foi lamentada também pelo carnavalesco Leandro Vieira em suas redes sociais, o que evidencia o apontamento de Luiz Antonio Simas e Fábio Fabato em *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*: os discursos defendidos pela equipe de criação artística das escolas de samba através dos enredos operam numa lógica por vezes desassociada das diretrizes ideológicas e administrativas dos corpos diretivos das agremiações, como demonstrado nos posicionamentos publicizados por Chiquinho da Mangueira e Leandro Vieira.

Em sua Tese de Doutorado defendida pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada do Instituto de História da UFRJ, intitulada *Marchar não é Caminhar: Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa (1950-2008)*, o pesquisador, professor e babalaô Ivanir dos Santos analisa o diálogo das narrativas incorporadas pelas escolas de samba com as diversas reivindicações históricas e políticas do tecido social brasileiro. O pesquisador aponta que em 1988, ano do centenário de assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel e da "Marcha Contra a Farsa da Abolição", a Unidos de Vila Isabel foi campeã do carnaval carioca com o enredo "Kizomba, a Festa da Raça".

Do mesmo modo que o desfile da Unidos de Vila Isabel, enquanto manifestação de cultura popular, dialogou em certo sentido com o prisma narrativo adotado pela marcha - por exemplo, a rememoração à "imortalidade de Zumbi dos Palmares" -, podemos identificar o posicionamento adotado pela direção da Estação Primeira de Mangueira como uma forma de concessão e conciliação com a entidade católica e até mesmo um recuo na proposição combativa sugerida por seu tema de enredo. Assim, as agremiações carnavalescas tanto podem reverberar as reivindicações sociais das camadas subalternizadas quanto podem se abster de fazê-

lo, prezando, portanto, pelo bom convívio com as instituições religiosas e governamentais em questão.

Conclusões e novos caminhos: o enredo de 2020

Extrapolando o campo em que inicialmente se situava, o da História das Religiões, este artigo buscou examinar um episódio de intolerância religiosa na contemporaneidade brasileira a partir de duas frentes analíticas: a concepção artística de enfrentamento, representada pela criação e pelo discurso de Leandro Vieira, e a diplomacia institucional apaziguadora, representada pela decisão adotada por Chiquinho da Mangueira. Recuperemos, então, nossa proposição inicial: por qual motivo a Arquidiocese do Rio de Janeiro se incomodaria tanto com esse tipo de representação sincrética e respeitosa de Jesus Cristo numa época onde tantas outras escolas de samba, no Rio e no Brasil, se apropriavam das imagens sacras sem sofrer quaisquer tipos de represália?

A resposta, ou - de forma menos definitiva e mais sugestiva - o caminho analítico traçado por nossa investigação, aponta para a representação do orixá no mesmo elemento alegórico: para a Arquidiocese os dois universos culturais (o da religiosidade católica e o da afro-brasileira) poderiam sim coexistir nas representações carnavalescas, desde que não associados diretamente através de narrativas calcadas nos variados sincretismos religiosos do Brasil.

Essa associação fere o princípio fundamental das narrativas de intolerância religiosa difundidas por algumas das frentes neopentecostais e católicas do cristianismo brasileiro de nossos dias, que muitas vezes demonizam aspectos fundantes das religiões de matriz africana em favor dos fundamentos judaico-cristãos - seus personagens, seus discursos e suas imagens. Isto é, o problema não reside na representação respeitosa da imagem de Jesus Cristo na manifestação carnavalesca, mas o discurso de enfrentamento às narrativas de intolerância religiosa proposto por Leandro Vieira na alegoria "Santo e Orixá".

No carnaval de 2020, a Estação Primeira de Mangueira, ainda sobre o comando artístico do carnavalesco, apresentou o enredo "A verdade vos fará livre" - uma narração alegórica para o retorno de Jesus Cristo no intolerante Brasil do século XXI. A proposta de enredo detalhada na sinopse (Documentação) rememora o personagem histórico que, se em 2017 associava-se a Oxalá, agora representa "a ialorixá que professa a fé apedrejada e vilipendiada" (VIEIRA, 2020). O retorno do personagem histórico Jesus Cristo, três anos depois, em uma nova narrativa artística de enfrentamento proposta por Leandro Vieira aponta não apenas para a não intimidação das escolas de samba enquanto organismos culturais suscetíveis a

represálias e embates institucionais de diferentes ordens, mas sobretudo reforça o papel das entidades enquanto instituições de vanguarda nos debates voltados à intolerância e à cultura das religiões de forma geral, na cidade do Rio de Janeiro e mesmo além dela.

Documentação

SINOPSE DE ENREDO DA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA PARA O CARNAVAL DE 2017:

Enredo: Só com a ajuda do santo

"Te corto, te talho. Corto-lhe a cabeça, corto-lhe o rabo, corto-lhe o coração. Só o corpo da gente é que não. Para trás irás, pra frente não passarás. Onde principais, lá acabarás". (reza popular)

Pra tudo que é santo vou apelar. Para o santo de casa, para o santo de altar. Vou bater na madeira três vezes, vela acesa, copo d'água. Galho de arruda pra espantar quebranto e mau olhado. Vou saudar o Benedito, e se a graça eu alcançar, tem zabumba e reco-reco, ponho a congada pra desfilar. Vou pedir aos Santos Reis, afastar os móveis da sala, abrir portas e portões, dar licença para os mascarados "vadiá" no salão. Bordar uma bandeira pro Divino. Pedir a São João. Cortar papel fino pra fazer balão. Enfeitar de cravos e rosas a capelinha de melão.

Botar "guri" pra ser anjinho de procissão. Bendizer o "meu Padim". Me apegar com a "Mãezinha" pra desatar qualquer nó. Carregar andor, pegar na corda. Na terceira onda que quebra na praia, lançar no balanço do mar: perfume, rosa, espelho e pente, pra Inaê, Marabô, Janaina se enfeitar.

Se pro velho Pedro já pedi que abrisse os portões dos céus e mandasse chuva pro roçado; se Santo Antônio, depois da judiação de tomarem-lhe o menino, à moça solteira já deu matrimônio; se São Sebastião é padroeiro do meu Rio de Janeiro, se São Francisco é quem protege os animais; se Santa Clara ilumina o caminhar; se bala, pipoca e guaraná agradam Cosme e Damião; vou me curvar aos pés do guerreiro, São Jorge fiel escudeiro. Por ordenança da Virgem Maria, ele é o "praça" que vai à frente da minha cavalaria.

Para me cercar de todo lado vou firmar ponto pro "santo" que baixa no terreiro. Pôr amuleto nos pés do gongá. Pra cortar demanda, me embrenhar nas matas e "saravá" "seu" Sete Flechas. Mandar fazer três capacetes de penas, um pra Iara, um pra Jandira, e um pra Cabocla Jurema. Jetruá pra saudar o Boiadeiro. Cantiga para o Marinheiro. Marafo, mel e dendê na farofa. Rezar para as Santas Almas, "Preta Velha,

negra Mina da Guiné o inimigo que caia, e que eu, fique de pé”. É bom lembrar, não pode faltar, a proteção do Orixá. A Mangueira quer passar e comandar a procissão. Seu verde e rosa, todo mundo sabe, faz tempo já virou religião. Pra cruzar o seu caminho, é bom saber pisar. Traz mistério, credices e magia. Não se engane: Só quem pode com a mandinga, carrega patuá.

P.S: Expedito, você que é dado ao impossível, será que fazia mal, chegar no ouvido do pai, e interceder por mais esse carnaval?

Pesquisa, desenvolvimento e texto: Leandro Vieira / Julho de 2016.

SINOPSE DE ENREDO DA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA PARA O CARNAVAL DE 2020:

Enredo: A verdade vos fará livre

"Vou pedir que me levem lá pro céu

Que cada dia chega mais perto do morro

E onde já viram Deus compondo

Um samba para escola desfilar"

(SAMBA de Hermínio Bello de Carvalho e Maurício Tapajós)

Nasceu pobre e sua pele nunca foi tão branca quanto sugere sua imagem mais popular. Sem posses e mais retinto do que lhe foi apresentado, andou ao lado daqueles que a sociedade virou as costas oferecendo-lhes sua face mais amorosa e desprovida de intolerância. Sábio, separou o joio do trigo, semeou terrenos férteis e jamais deixou uma ovelha sequear para trás.

Exaltou os humildes e condenou o acúmulo de riqueza. Insurgiu-se contra o comércio da fé e desafiou a hipocrisia dos líderes religiosos de seu tempo. Questionou o poder do império romano e condenou a opressão. Seu comportamento pacifista e suas ideias revolucionárias inflamaram o discurso dos algozes que passaram a excitar o estado a decretar sua sentença. O fim todos sabemos: Foi torturado, padeceu e morreu.

Séculos depois, sua trajetória ainda anda na boca dos homens e em seu nome, para o mal dito "de bem" – e com rígido contorno de moralidade - muito já foi realizado de forma estanque ao sentido mais completo do AMOR por ele difundido. O amor incondicional, irrestrito e ágape.

Por isso, quando preso à cruz, ele não pode ser apresentado como um. Ser um, exclui os demais. Preso à cruz, ele é a extensão de tantos, inclusive daqueles que a escolha pelo modelo "oficial" quis esconder. Sendo assim, sua imagem humana não pode ser apenas branca e masculina. Na cruz, ele é homem e é também mulher. Ele é o corpo

indígena nu que a igreja viu tanto pecado e nenhuma humanidade. Ele é a ialorixá que professa a fé apedrejada e vilipendiada. Ele é corpo franzino e sujo do menor que você teme no momento em que ele lhe estende a mão nas calçadas. Na cruz, ele é também a pele preta de cabelo crespo. Queiram ou não queiram, o corpo andrógino que te causa estranheza, também é a extensão de seu corpo.

Sem anunciar o inferno, ele prometeu que voltaria. Acredito que, se ele voltasse à terra por uma encosta que toca o céu - para nascer da mesma forma: pobre e mais retinto, criado por pai e mãe humilde, para viver ao lado dos oprimidos e dar-lhes acolhimento - ele desceria pela parte mais íngreme de uma favela qualquer dessa cidade. Talvez na Vila Miséria*, região mais alta e habitada do Morro de Mangueira. Ali, uma estrela iluminaria a sala sem emboço onde ele nasceria menino outra vez. Então, ele cresceria entre os becos da Travessa Saião Lobato*, correria junto das crianças da Candelária*, espalharia suas palavras no Chalé* e no "Pindura" Saia*. Impediria que atirassem pedras contra os que vivem nas quebradas e nos becos do Buraco Quente*. Estaria do lado dos sem eira e nem beira estranhando ver sua imagem erguida para a foto postal tão distante, dando as costas para aqueles onde seu abraço é tão necessário.

Se sobrevivesse às estatísticas destinadas aos pobres que nascem em comunidades, chegaria aos 33 anos para morrer da mesma forma. Teria a morte incentivada pelas velhas ideias que ainda habitam os homens. O amor irrestrito ainda assusta. A diferença jamais foi entendida. Estender a mão ao oprimido ainda causa estranheza. Seria torturado com base nas mesmas ideias.

Morto, ressuscitaria mais uma vez e, por ter voltado em Mangueira, saudaríamos a possibilidade de vermos seu sorriso amoroso novamente com o que aqui fazemos de melhor. Louvaríamos sua presença afetuosa com samba e batucada. Vestiríamos todos nossa roupa mais cara. Aquela de paetês e purpurina. De cetim com joias falsas. Desfilaríamos diante dele e, em seu louvor, instauraríamos a lei que rege nossos três dias de folia. Sem pecado, irmanados e em pleno estado de graça.

Explicaríamos nessa ocasião que a cruz pesada que carregamos como fardo ao longo do ano nos é tirada das costas no carnaval. Por ter vencido a morte e sem ter o peso de sua cruz nas costas, ele sorri para a baiana que desce para se apresentar. Ele acena com a mão direita para a passista que amarra a sandália, enquanto a mão esquerda dá a benção para o ritmista que rompe o silêncio com a levada de seu tamborim.

Fitando o céu, ele parece ver algo ou alguém acima da linha do horizonte. Sorri, como se pego em meio a brincadeira e se soubesse humano também. Entendendo que ali ele é rebento e que todos, sem exceção, são seu rebanho; ciente de que o pecado,

por vezes, é invenção para garantir medo e servidão, ele pede para que toda essa gente que brinca anuncie enquanto canta sorrindo: A VERDADE VOS FARÁ LIVRE.

Vila Miséria* Travessa Saião Lobato* Candelária* Chalé* Pindura Saia* Buraco Quente* - Todos os nomes referem-se a localidades ocupadas pela comunidade do Morro da Mangueira.

Rio de Janeiro, Julho de 2019.

PESQUISA, DESENVOLVIMENTO E TEXTO: LEANDRO VIEIRA.

Sites / Sítios

<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/tripe-de-cristo-oxala-da-mangueira-nao-desfila-por-pressao-da-igreja-21011634.html>. Acesso em: 7 de julho de 2019.

https://odia.ig.com.br/_conteudo/diversao/carnaval/2017-03-04/mangueira-cristo-oxala-fora-do-desfile-das-campeas-apos-pedido-da-igreja.html. Acesso em: 7 de julho de 2019.

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/pressao-da-igreja-faz-mangueira-tirar-cristo-oxala-da-avenida/>. Acesso em: 7 de julho de 2019.

Bibliografia

SANTOS, Carlos Alberto Ivanir dos. Marchar não é Caminhar: Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa (1950-2008). Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; FABATO, Fábio. Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

SIMAS, Luiz Antonio. Impressões sobre o carnaval. 2017. Disponível em: <http://www.tribunadaimprensasindical.com/2017/03/impressoes-sobre-o-carnaval.html> Acesso em: 7 de julho de 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio Edições e Promoções Culturais, 1981.

VIEIRA, Leandro. *A verdade vos fará livre*. (Carnaval 2020).

VIEIRA, Leandro. *Só com a ajuda do santo*. (Carnaval 2017).